



O PAPEL DA ESCOLA E DA GEOGRAFIA COMO AGENTES PROMOTORES DA DIMINUIÇÃO DO PRECONCEITO E DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM ALAGOAS

Dayse Milena da Silva Pereira (UFAL)
day2_milena@hotmail.com

Andrea Martins da Silva (UFAL)
andrea.martins112@gmail.com

Resumo: Alagoas ocupa o 3º lugar no ranking nacional em violência contra mulher. Dessa forma percebe-se o quão é importante a atuação da Geografia na formação de indivíduos conscientes para alcançar a diminuição da violência contra a mulher. O presente trabalho tem como objetivo principal trabalhar a Geografia escolar na diminuição da violência contra a mulher. Utilizamos como estratégia metodológica um questionário o qual teve como base uma propaganda publicitária, divulgada em 2012 na cidade de Maceió, e também realizamos pesquisas bibliográficas, realizadas a partir de leituras em artigos, e pesquisas na internet sobre questões ligadas a violência contra a mulher no estado de Alagoas.

Palavras chave: Professor de Geografia; Gênero feminino; Violência.

Eixo temático: GT3 - Fundamentos Didáticos e o Ensino de Geografia

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade as mulheres ocupavam uma posição hierárquica inferior em nossa sociedade. Seus direitos e deveres estavam sempre voltados para a criação dos filhos e cuidados com o lar. No que se refere à formação da sociedade brasileira, sabemos que o papel da mulher não foi muito diferente do



resto do mundo. Durante o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Os poderes absolutos eram destinados ao homem, chefe e senhor da família na sociedade patriarcal brasileira, enquanto que às mulheres era destinada a obrigatoriedade da reclusão ao lar, com sua vida doméstica junto da criadagem escrava. Nesse período às moças que saíssem das “rédeas” das determinações de seus pais tinham como destino a internação em um convento ou a morte, alternativa mais drástica e plenamente aceitável socialmente, cabendo ao pai ou aos irmãos da moça sentenciarem e a executarem. Até meados da segunda metade do século XX, as mulheres que não apresentavam um comportamento social aceitável ou que já não agradavam mais a seus maridos, passaram também a ser internadas em hospitais psiquiátricos. Assim, era comum encontrar nos chamados hospícios

[...] filhas de fazendeiros as quais haviam perdido a virgindade ou adotavam comportamento considerado inadequado para um Brasil à época, dominado por coronéis e latifundiários. Esposas trocadas por amantes acabavam silenciadas pela internação [...]. Havia também prostitutas [...] [que] após cortarem com gilete os homens com quem haviam se deitado, mas que se recusavam a pagar pelo programa, [acabavam sentenciadas a internação em um manicômio] (ARBEX, 2013, p. 30)

Assim sendo, os séculos XIX e XX trouxeram mudanças, que, na verdade, não se estenderam a todas as mulheres, mas as que se enquadravam dentro dos padrões ditos aceitáveis e “normais” ou àquelas ligadas à elite.

Duas grandes lutas das mulheres por igualdade ocorreram no Brasil no século XIX e XX, como exemplo tem-se o movimento das sufragistas e o movimento feminista.

Em relação ao Sufrágio brasileiro, movimento que se iniciou no século XIX e que tinha como objetivo a participação feminina na política e o seu direito ao voto, só foi efetivado na primeira metade do século XX, mas especificamente



No ano de 1932, [quando] o Presidente Getúlio Vargas normatizou as eleições no Brasil, assinando o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que regulamentava o alistamento e o processo eleitoral no país. Esse ato normativo assegurava o sufrágio universal e secreto, concedendo o direito de voto a todos os brasileiros maiores de 21 anos, alfabetizados e sem distinção de sexo; garantindo assim à mulher o direito de voto [...] (SOW, 2010, p. 82).

O direito do voto foi uma conquista de poucas já que a maioria da população brasileira, incluindo as mulheres, era analfabeta.

Segundo, Magalhães (2009, p. 85), ainda em meio a um cenário social que oprimi a mulher “vimos surgir o movimento feminista, a partir dos anos 1970, que vem para questionar a força de marginalização machista, os conjuntos de sinais da sexualidade feminina e também os modelos de comportamento impostos pela sociedade”. Apesar de ter promovido toda uma movimentação, social, política, intelectual e acadêmico o movimento feminista brasileiro não conseguiu se consolidar por completo, sendo continuamente ameaçadas por pressões machistas fazendo com que ainda hoje as mulheres tenham que lutar por melhores condições de trabalho e salários, por igualdade dos sexos, sendo essa uma luta constante entre o profissional e o afetivo (MAGALHÃES, 2009). Apesar de na atualidade haver uma legitimação dos direitos femininos, muitas barreiras ainda precisam ser quebradas, principalmente quando se refere à existência e aceitação da violência contra a mulher no mundo, no Brasil e em Alagoas.

A violência contra as mulheres não está apenas no ato de agressão contra o seu corpo, na agressão física e/ou sexual, está também na criação de estereótipos que moldam formas singulares de preconceito e discriminação (SILVA, 2010).

O estereótipo na concepção de Chauí citado por Silva refere-se ao “conjunto de crenças, valores, saberes, atitudes que julgamos naturais, transmitidos de geração em geração sem questionamentos e nos dá a possibilidade de avaliar e julgar positiva ou negativamente coisas e seres humanos”. (SILVA, 2010 p.116) Graças a esse estereótipo, construído ao



passar dos anos, de que a mulher de alguma forma é submissa e/ou inferior aos homens, que mesmo nos dias atuais, ela ainda vem sofrendo as consequências de uma estrutura social que a coloca na posição de ser objeto pertencente a um senhor que tem o poder de decidir a sua vida e/ou morte. É nessa concepção que reside os altos índices de violência contra a mulher, ação essa gerada na maioria das vezes por seus companheiros.

Assim, no que se refere à formação da sociedade brasileira, sabemos que a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres, sendo destinado aos homens o poder absoluto sobre elas. Já a figura masculina, na sociedade patriarcal brasileira, representava o chefe e senhor da família, ficando as mulheres a mercê de seus companheiros que muitas vezes se transformavam em seus algozes.

O presente trabalho tem como objetivo principal trabalhar a Geografia escolar na diminuição da violência contra a mulher. Mais precisamente ainda no estado de Alagoas. Tendo em vista que Alagoas é o terceiro estado mais violento para as mulheres, esse é um ponto que deve ser tratado mais profundamente dentro da escola. Pois apenas modificando a base da sociedade poderemos ter um resultado satisfatório em um futuro bem próximo.

Utilizamos como estratégia metodológica para desenvolvimento desse trabalho um questionário o qual teve como base uma propaganda publicitária, divulgada em 2012 na cidade de Maceió, para venda de motos, que além de trazer uma mulher seminua em posições erotizadas, também apresentava a frase em letras grandes “Compre que eu dou para você” e em letras menores “O emplacamento grátis”. Tal questionário foi aplicado na escola campus de nosso Estágio Supervisionado II. Também realizamos pesquisas bibliográficas, realizadas a partir de leituras em artigos, e pesquisas na internet sobre questões ligadas a violência contra a mulher no estado de Alagoas; questões que expressem preconceito; buscando sempre enfatizar o que pode ser considerado violência contra a mulher.



A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL E EM ALAGOAS

Não é nada difícil encontrar notícias enfatizando a força da violência contra a mulher no estado de Alagoas. Este sendo o líder no ranking do Nordeste e um dos mais violentos a nível nacional. São inúmeros casos retratados todos os dias em jornais impressos e em suas versões on-line, revistas, trabalhos acadêmicos, objetos de várias pesquisas de cunho científico que comprovam o quão é desvalorizada e maltratada a mulher no estado; assim como em muitos outros estados, pois não é privilégio apenas nosso.

Várias são as formas de agressões sofridas pelas mulheres todos os dias. Seja violência doméstica, violência sexual, preconceito, ou outra forma qualquer de desmerecimento. A mulher sempre foi secundarizada, tratada como algo inferior; durante anos essa foi à realidade vivida por todas e quaisquer pertencentes ao sexo feminino; vivendo sempre em prol do homem. Foram anos de lutas, e resultou em melhorias significativas, que vão se moldando a cada dia. No entanto, hoje a mulher é livre, mesmo vivendo em uma sociedade repressora, onde na maioria das vezes a opinião marxista predomina, hoje a mulher tem voz. Ela é responsável por suas ideias, busca seus ideais e tenta a cada dia ocupar o lugar que é de direito na sociedade em que vivemos.

Como foi posto, em Alagoas a situação é mais crítica ainda. Sendo esse um estado pequeno, pouco desenvolvido, pobre, e com altos índices de criminalidade; a mulher torna-se uma vítima mais constante, de mais fácil acesso para sofrer as consequências do sistema opressor que rege nossa sociedade. Alagoas possui 102 (cento e dois) municípios, uma economia retroativa, baseada na cana-de-açúcar e em atividades ligadas ao turismo; tem uma contribuição mínima no PIB (Produto Interno Bruto) do país. Sua educação é falha, logo o índice de analfabetismo é um dos piores do Brasil. Tanto quanto a saúde. O que não difere muito dos índices da falta de segurança no estado.



A violência tornou-se uma marca registrada de Alagoas, e hoje um dos desafios do povo alagoano é sobressair-se em meio à estrutura de vida ofertada pelo estado. São inúmeros casos de violência; morte, estupro, assaltos, violência doméstica, e até psicológica, onde são retratados casos de preconceito, situações que marcam a vida da mulher de forma geral, causando traumas que poderão levados por toda sua vida.

Existem organizações governamentais e não governamentais (ONGs) que oferecem apoio a mulheres que sofrem algum tipo de violência. Números telefônicos são disponibilizados para o pedido de socorro e para uma ajuda policial no intuito de coibir o agressor. Essas ações veem de certa forma ajudando a diminuir o número de agressões; mas é importante frisar que elas apenas coíbem a agressão, mas não favorecem a educação e uma mudança no pensar.

A ESCOLA E A GEOGRAFIA E SEU PAPEL NA PREVENÇÃO E DIMINUIÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Nesse contexto, a escola e os educadores possuem papel fundamental para promover uma modificação na visão social sobre as questões ligadas à violência contra a mulher, para tanto, escola e educadores devem estar preparados para lidar com essa temática que ultrapassa os muros da escola chegando até a sala de aula.



Figura – 1: Propaganda sensual de emplacamento grátis da Concessionária Dafra.

Fonte: <http://www.geracaoduasrodas.com.br/propaganda-da-dafra-causa-polemica-em-maceio/>



Figura – 2: Propaganda erotizada da Concessionária Dafra.

Fonte: <http://www.geracaoduasrodas.com.br/propaganda-da-dafra-causa-polemica-em-maceio/>

A referida imagem foi uma propaganda publicitária da revendedora Dafra Motos exibida em outdoors da Cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas. Onde evidenciava uma linda mulher em poses eróticas promovendo a moto. Essa publicidade foi considerada abusiva pelo PROCON. Entende-se que abusiva é toda aquela publicidade que fere a vulnerabilidade do consumidor. A mesma foi responsável por gerar o questionário que deu início a nossa pesquisa na disciplina de Estágio Supervisionado II. A qual se questionava sobre a violência contra a mulher, e o papel da escola juntamente com a Geografia na diminuição do preconceito, e da violência.

A pesquisa revelou que 29% dos alunos inquiridos não acharam a propaganda de fundo machista, 38% foram contra sua retirada das ruas, pois a acharam normal, banalizando a desvalorização da mulher.

Como já foi dito, sabendo que o problema da violência contra a mulher é um problema estrutural da sociedade em geral, e em especial da alagoana, fica claro que a escola é a grande responsável pela tentativa de impulsionar uma possível mudança nessa realidade, de modo a intervir de maneira positiva e consciente formando cidadãos críticos. Pois só com uma educação fundamentada nos valores morais, o aluno estará preparado para encarar tal realidade. Hoje as escolas estão voltadas para formar o aluno, transmitir



conteúdo e dá a ele apenas à visão de estudante, um mero receptor de informações. Quando na verdade ela deveria estar preocupada em formar cidadãos. Pois uma vez formadas pessoas críticas com princípios, estará formada a base de uma sociedade consciente.

Segundo Libâneo (2002, p.7):

É preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas.

Desta forma, cabe à escola trazer para sala de aula além dos assuntos programados de cada disciplina, tais valores humanos, de modo a educar os alunos para conviver em nossa sociedade de maneira consciente respeitando e valorizando as diversidades e diferenças. A Geografia seria então uma disciplina norteadora desse processo.

Podemos ver claramente o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia:

A Geografia trabalha com as desigualdades espaciais, procurando mostrar que são produtos de decisões, acordos, sucessos e fracassos nem sempre pacíficos dentro de uma sociedade. Ao propor uma forma de abordagem em que se valoriza a cultura e o ambiente, é possível trabalhar Geografia e Ética. Todos os temas permitem discutir, à luz da realidade brasileira, como as ações humanas, construtoras da paisagem, podem expressar preconceitos e discriminações, no âmbito mais geral da sociedade, como, por exemplo, no estudo do apartheid social das grandes cidades, ou dos preconceitos contra imigrantes etc. Evidentemente os conteúdos de Ética também se refletem fortemente no convívio da escola, fazendo com que, no caso da Geografia, a maneira de estudar as questões sociais permita desenvolver atitudes éticas.

Desta forma, indo de encontro com o que muitos pensam, a Geografia não é um Atlas. É a ciência que abarca questões do cotidiano, que junto com questões físicas da natureza consegue fazer uma ligação e provar a relação do homem com o meio. Sendo assim, cabe ao professor de Geografia preocupar-



se antes de tudo, com o que seus alunos irão levar para si da Geografia. O quanto eles têm de cidadania, o quanto eles se reconhecem também como autores/construídores da realidade em que estão inseridos.

Ainda segundo os objetivos do ensino da Geografia na Educação Básica, os Parâmetros curriculares nacionais de Geografia nos revelam que se faz necessário que o aluno seja capaz de posicionar-se “[...] contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.” (BRASIL, 1998, p.69).

É necessário mudar o pensamento que vem sendo cultivado até hoje, é preciso alterar o modelo que a mulher foi posta nessa sociedade. Contudo, a fase de mudar, a hora de melhorar é quando a criança está na escola. É na escola que ela irá começar a construir seu senso crítico, e será na escola onde ela consolidará a ideia de que uma sociedade é construída em conjunto e independente de gênero, uma sociedade se constrói com respeito a homens e mulheres. Só dessa forma iremos mudar nossa realidade. Quando se tem educação, temos respeito, conseqüentemente teremos mais pessoas preocupadas com o futuro de nosso coletivo e não comprometimentos com seu ego, seu marxismo.

CONCLUSÕES

Dado o exposto, a pesquisa contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho e para uma reflexão dos futuros professores de Geografia, ajudando a prepará-los para uma atuação docente que contribua para a efetivação de uma escola cidadã.

Sabemos que ao longo do tempo a mulher veio conquistando seu espaço na sociedade, entretanto até hoje no Brasil a mulher sozinha não pode, ao registrar seu filho, colocar o nome do pai no registro, somente o homem pode fazer isso. Dessa forma, percebemos que ainda nós encontramos em



uma situação gritante. Onde a mulher ainda sofre com a criação de estereótipos, além de serem vítimas de diversas formas de violências todos os dias.

Diante dessa realidade enfatizamos a necessidade de se investir numa educação que vise o combate as diferenças e às discriminações, o exercício da tolerância e o respeito. Nesse contexto o professor de Geografia assume papel relevante; pois o ensino da Geografia deve educar para os valores relacionados ao respeito à diversidade, combater às desigualdades e às injustiças sociais.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 2010.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.156 p.
- MAGALHÃES, Tatiane Amaral. Um breve olhar sobre os movimentos feministas no Brasil. **Historien - Revista Eletrônica Universitária**, Petrolina, n. 1, p. 83-89, out./dez., 2009.
- SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher. **Psicologia ciência e profissão**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.
- SOW, Marilene Mendes. A Participação Feminina na Construção de um Parlamento Democrático. **Revista E-legis**, Brasília, n. 5, p. 79-94, 2º semestre 2010. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5066/participacao_feminina_sow.pdf?sequence=1>. Acessado em 24 de nov. de 2013.